



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA-CESPD
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS

IZABEL CRISTINA COELHO DA SILVA

OS VALORES DA SOCIEDADE MODERNA SOB A PERSPECTIVA DA OBRA A
***HORA DA ESTRELA* DE CLARICE LISPECTOR: *Macabéa* e os fatores para a**
sua condição social

Presidente Dutra - MA

2020

IZABEL CRISTINA COELHO DA SILVA

**OS VALORES DA SOCIEDADE MODERNA SOB A PERSPECTIVA DA OBRA A
HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR: *Macabéa* e os fatores para a
sua condição social**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra/CESPD como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Esp. Marrony da Silva Alves.

Presidente Dutra - MA

2020

Silva, Izabel Cristina Coelho da.

Os valores da sociedade moderna sob a perspectiva da obra A hora da estrela de Clarice Lispector: Macabeá e os fatores para sua condição social / Izabel Cristina Coelho da Silva. – São Luís, 2020.

45 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Esp. Marrony da Silva Alves.

1.Relações sociais. 2.Invisibilidade. 3.Macabeá. 4.Marginalização.
I.Título.

CDU: 821.134.3(81).09

IZABEL CRISTINA COELHO DA SILVA

**OS VALORES DA SOCIEDADE MODERNA SOB A PERSPECTIVA DA OBRA A
HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR: *Macabéa* e os fatores para a
sua condição social**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra/CESPD como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovada em **09/11/2020**

Banca Examinadora

Profa. Esp. Marrony da Silva Alves (Orientadora)
Especialização em Gestão e Supervisão Escolar - UEMA

Profa. Esp. Francione Lima Belfort
Especialização em Literatura Portuguesa e Brasileira - IESF

Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN

AGRADECIMENTOS

Agradecimento é reconhecer a oportunidade dada para realização de um sonho.

Agradeço a Deus pela sua infinita bondade em restaurar o meu psicológico durante os momentos de insegurança na produção da pesquisa monográfica.

Aos meus pais Edvaldo Florêncio da Silva e Meiry Ane Pereira Coelho, pelo incentivo e confiança transmitida a mim.

A minha amiga Flávia Guadalupe por sempre está presente nos momentos de adversidades, incentivando o melhor de mim.

A orientadora deste trabalho Profa. Marrony da Silva Alves pela compreensão e disponibilidade de tempo de modo que ele fosse desenvolvido com êxito.

A Universidade Estadual do Maranhão pelas oportunidades disponibilizadas a todos os alunos desta instituição.

“O sonho é o alívio das misérias dos que
as têm acordados”.

(Miguel de Cervantes)

RESUMO

O trabalho monográfico aqui descrito analisou a relação da literatura intimista dentro das relações sociais através da narrativa de Clarice Lispector “A hora da estrela” (1998). O romance desenvolvido no século XX propôs uma abordagem da forma literária e sua respectiva função em denunciar as condições insalubres de uma sociedade, justificando a necessidade de abordar o momento sociocultural dos anos 70. A obra permitiu reflexões acerca da literatura em paralelo a realidade mostrando a perspectiva social do excluído. O estudo observou a degradação da condição humana dos personagens que carregam uma carga de opressão ao processo histórico que estão inseridos. A trama percorre o “modo de vida” de Macabéa advinda de uma extração sociocultural inferior reservada ao mundo de privações. A produção literária teve por iniciativa mostrar o impacto da pobreza, apresentando os elementos pelos quais desencadearam as limitações da personagem como indivíduo social. A alagoana que reside na cidade do Rio de Janeiro foge dos padrões usuais, o que a torna uma peça facilmente descartável. Incapaz de sobreviver ao cenário agressivo da grande metrópole, ela é a projeção de indivíduos marginalizados que não se enquadram aos padrões esperados de uma sociedade moderna. Nesse sentido a produção literária expõe o sujeito deslocado em processo de invisibilidade, dando abertura aos ambientes periféricos e as condições insalubres representadas em sua trajetória.

Palavras-chave: Relações Sociais. Invisibilidade. Macabéa. Marginalização.

ABSTRACT

The monographic work described here analyzed the relationship of intimate literature within social relations through Clarice Lispector's narrative "A hora da estrela" (1998). The novel developed in the twentieth century proposed an approach to literary form and its function in denouncing it as unhealthy conditions of a society, justifying the need to address the socio-cultural moment of the 70s. The work linked reflections of literature in parallel to reality showing the social perspective of the excluded. The study observed a degradation of the human condition of the characters who carry a load of oppression to the historical process they are inserted in. The plot runs through Macabéa's "way of life" arising from an inferior socio-cultural extraction reserved for the world of deprivation. The literary production had the initiative to show the impact of poverty, elements the elements by which they triggered as limitations of the character as a social individual. The Alagoas resident in the city of Rio de Janeiro differs from the usual standards, which makes it easily disposable. Unable to survive the aggressive scenario of the great metropolis, it is the projection of marginalized people who do not fit the standards expected of a modern society. In this sense, literary production exposes the displaced subject in an invisibility process, opening up to peripheral environments and as unhealthy conditions represented in his trajectory.

Keywords: Social Relations, Invisibility. Macabéa. Marginalization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA INTIMISTA X RELAÇÕES SOCIAIS.....	11
2.1 Representação literária da pobreza.....	15
3 CLARICE LISPECTOR: A MULHER NA LITERATURA.....	19
3.1 Literatura Intimista Em Clarice Lispector.....	23
3.2 O Universo Feminino De Clarice Lispector.....	27
4 A HORA DA ESTRELA: A CONSTRUÇÃO DA NOVELA DE CLARICE	30
4.1 A Construção Ideológica do Sujeito Deslocado.....	32
4.2 Estereótipos Sociais: Macabéa Migrante Nordestina	35
4.3 Penúria Evidente Em Uma Cidade Forjada Contra Macabéa.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia dedicou-se ao objeto de estudo “A hora da estrela” de Clarice Lispector, no qual permitiu identificar o conflito social acerca do comportamento humano sobre a perspectiva dos valores de uma sociedade moderna. O romance da abertura as relações sociais representadas na obra através da protagonista Macabéa, mulher miserável advinda de uma vida interiorana repleta de restrições.

A pesquisa monográfica nasceu da relevância que a obra obteve no momento sociocultural dos anos 70, sobretudo sobre atuação da forma literária em denunciar as condições insalubres de uma sociedade. O objetivo deste trabalho teve por incitativa mostrar o impacto da pobreza, apresentando os elementos pelos quais desencandearam as limitações da personagem como indivíduo social.

O romance desenvolvido no século XX reflete a tocante realidade da personagem Macabéa, principalmente sobre sua condição de retirante em processo de invisibilidade. Ressalta as agruras dos pobres, a forma como são submetidos a uma vivência de explorações, como representantes de uma grande parcela da população dentro da miséria anônima.

A metodologia desta pesquisa é de cunho bibliográfico, e os dados aqui apresentados são qualitativos apoiados nas teorias referentes ao tema escolhido. A pesquisa desenvolveu-se por meio da construção teórica em torno dos autores Clarice Lispector (1998), Antônio Cândido (1995), Afrânio Coutinho (2008), Del Priori (2004) e Michelle Perrot (2007), que abordam as representações históricas e literárias da mulher, tendo em vista a relevância do legado de Clarice Lispector na contribuição dos aspectos realistas e sociais.

A pesquisa se divide em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo foi realizado uma abordagem intimista no panorama social, tendo como objeto de estudo as profundas transformações das formas teóricas sobre a resignificação do termo literatura e sua construção discursiva nos aspectos sociais. Nesse contexto a denúncia surge com a respectiva função de representação dos males sociais para cumprir o objetivo proposto dos textos literários.

A composição do segundo capítulo dá ênfase ao processo histórico pelos quais as mulheres foram submetidas, o qual permitiu que se abordasse nesse capítulo a representação social da mulher no século XX, analisando o modelo

patriarcal dominante desde das primeiras manifestações femininas pelo reconhecimento no meio público, até inserção das novas possibilidades da escrita no cânone literário nos dias atuais. Dessa forma, abordadas a trajetória da literatura de autoria feminina e as principais representantes que contribuíram para a evolução da mulher na literatura.

No terceiro capítulo foi analisado o impacto da pobreza na vida da personagem, no qual permitiu a projeção transferida de Rodrigo S.M na construção identitária de sua personagem Macabéa. O capítulo engloba uma profunda reflexão existencialista acerca da condição humana. Além disso foram investigadas a organização social das desigualdades regionais sertão/ litoral através do perfil traçado da protagonista Macabéa.

2 LITERATURA INTIMISTA X RELAÇÕES SOCIAIS

Durante a metade do século XVIII a literatura sofreu bastante mudanças semânticas até ter seu conceito aceito. Teve seu lexema derivado por via erudita de diferentes culturas de países europeus. Assim grandes nomes de escritores de corrente filosófica se posicionaram a respeito do conceito de literatura. Dentre eles pode-se citar Voltaire que caracterizava a literatura como uma forma particular de conhecimento e não considerava obras que se ocupam da pintura, arquitetura, ou da música como algo que remete ao literário (EAGLETON, 2001).

Mas a literatura só teve sentido existencial devido às suas manifestações artísticas relacionadas à pintura, arquitetura, abrangendo muito mais que uma arte. A sua construção poética utilizava de ferramentas que representassem a forma de falar, a realidade e seus emaranhados de significados, e de apostar no imaginário. Sobretudo as produções literárias não tinham uma valorização acentuada até o momento em que a Europa passou por um processo significativo libertário com a proposta de novos ideais de espírito iluministas libertando a sociedade da sua ignorância.

Essas profundas modificações sofridas ao longo do tempo nas formas teóricas sobre o conceito de literatura, tem estimulado uma construção discursiva na compreensão dos mecanismos propostos pelo fenômeno literário. As tentativas de definir a literatura entre fato e ficção se tornaram questionáveis à medida que a linguagem fosse empregada de forma peculiar.

Acerca dessa definição, percebe-se uma constante ressignificação na sua aplicação em sociedade. Ela como objeto social nasce de um processo simbólico comunicativo, intimamente ligada ao caráter artístico. A literatura como toda arte mergulho no universo do artista extraindo dele suscetíveis formas de interação aos aspectos socioculturais em meio a nova realidade (COUTINHO, 1978). "A arte existe porque a vida não basta, a vida é pouca. E a arte nos traz coisas belas, fascinantes, atordoantes, maravilhosas. É para isso que existe." (GULLAR, 2010). Por representar um mundo alternativo entre realidade e ficção essa assegura o equilíbrio psíquico em relação às fantasias criadas no decorrer da leitura, se configurando na forma e na intensidade de como a escrita se interpõe entre o leitor e a obra.

Em sua essência, a literatura permanece acompanhando a humanidade nos seus fatores históricos e sociais. Portanto, permitindo um norte no sentido de

estabelecer valores: estéticos, morais, de permanência, de ruptura, valores que autorize o reconhecimento de tais obras como manifestações artísticas do humano na palavra.

"A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana" (COUTINHO, 2008, p.24).

As narrativas literárias se espelham e representam a figura humana em seu caráter social a partir da transposição de elementos históricos, o que nos possibilita uma profunda compreensão da escrita em dimensão a trajetória do personagem fragmentadas em começo, meio e fim e suas significações. Em sua composição a obra evidencia elementos sociais que se manifestam por meio do comportamento de uma classe, tendências de um grupo, referências de lugares.

Como um fenômeno ligado diretamente a vida social, a literatura se espelha na construção da realidade humana trazendo à tona uma série de reflexões sobre as necessidades do indivíduo na dinâmica social. Ela tem como missão recriar e contextualizar vivências, acontecimentos, transformando-os em um emaranhado de ideias, fatos e emoções para dar vida a algo que muitas vezes nunca existiu, mas que remete eventos de caráter social.

A literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da "inspiração" do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de uma certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. (BONNICI, 2005, p. 141).

Assim percebe-se em determinado momento que as várias possibilidades extraídas de uma palavra tem a pretensão de atingir efeitos até então desconhecido da alma humana. O homem por meio da palavra corresponde ao velho extinto de criar histórias que sustentam uma ilusão satisfatória em meio à realidade. A palavra em sua autonomia surge para incorporar a experiência de um grupo, a visão do mundo e da sociedade (CANDIDO, 2006).

O século XVIII foi um grande cenário para o processo de mudanças na configuração social sobre o mundo e aquilo que o organiza (EAGLETON, 2001). A função literária passava por um processo de transfiguração no contexto estético,

cultural, social até se aprofundar nos anseios das angustias humanas no século XX. Ao confirmar o homem na sua humanidade, a literatura aguça a imaginação como antídoto ao caos existente no subconsciente, preenchendo vazios que provêm do sentimento de insegurança e da indiferença em que a sociedade nos insere. Constantemente há uma necessidade do indivíduo mergulhar no mundo da fabulação, justamente por querer fugir das inquietações provocadas pelo vazio existencial. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura (CANDIDO, 1995).

Quando se trata na busca do conhecimento de si mesmo, percebe-se a necessidade perturbadora do homem em suprir seus anseios através da compreensão do mundo. A capacidade de penetrar na complexidade das relações humanas o encaminha a sua condição natural de tentar desvendar ou prever acontecimentos futuros. O produto da imaginação é um fator indispensável no papel humanizador, ela por desenvolver possibilidades de soluções cotidianas ressalta que o conhecimento humano vai muito além do que fornecer ideias, mas em invenções espontâneas sobre a necessidade de criar e reinventar.

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou narrador nos propõe o modelo de conferência, gerada pela força da palavra organizada. Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esse tijolos representam um mundo de organizar a matéria e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente. Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária tornam-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CANDIDO, 1995, p.242).

Não há um só dia que o ser humano, em meio ao caos, se dirija a um local que lhe transmita serenidade, justamente para atribuir suas frustrações ao processo imaginativo. O leitor navega em outras dimensões voltado para uma fuga provisória aos momentos rotineiros, e o mundo fictício se torna conveniente, pois a obra permite espelhar em coisas e pessoas de existência empírica, cuja finalidade da narrativa se torna um meio de reinventar a realidade e a forma como conduzir as experiências individuais e sociais.

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (CANDIDO, 1995, p. 117).

O fato de trabalhar poeticamente a sensibilidade dos sentimentos humanos faz a literatura começar a desenvolver problemas destinados a ordem existencial. Os fatores cotidianos são colocados como tema central no contexto da obra, o intuito é captar a essência do indivíduo em seu espaço íntimo. O autor descreve a subjetividade do indivíduo, explorando uma característica quase inexpressiva na figura humana, a introspecção. Essa composição solicita um indivíduo perdido nas incertezas do amanhã, confuso entre suas crenças e valores, muitas vezes se encontra em estado de frustração provocado pela indiferença social (ZILBERMAN, 2008).

Essa preocupação existencial permitia a criação de uma vertente intimista, e de um estudo no aprofundamento da personalidade humana. Sobretudo as tramas desenvolvidas eram motivadas pela perspectiva sobre o futuro em paralelo ao questionamento de natureza social do personagem. O ponto estratégico do autor consiste em transmitir uma visão do mundo por meio dessa representação individual presente na construção de romances como *A hora da estrela* de Clarice Lispector.

A construção da personagem na perspectiva intimista significa falar sobre a formação do seu caráter expressando qualidades inerentes ao personagem. E o espaço na composição da narrativa intimista busca o distanciamento do convívio social e aproximação do comunicar-se consigo mesmo, de modo instintivo, como um local de refúgio destinado a intimidade (SOUSA, 2016).

Ainda sobre esse pensamento, no livro *Desassossego* de Fernando Pessoa, (1982) os personagens que ganham status de semi-heterônimos são personas com preocupações ontológicas marcantes e uma profunda tristeza. Que são dilacerados intimamente e inseridos em um mundo cuja vida parece inviável (SEMISCUKA, 2015).

Em paralelo com a obra de Clarice Lispector, *Macabéa* também faz várias representações de indivíduos em desalento, solidão, autocomiseração em tom

melancólico, por não entender o sentido da vida, tentando achar razões para existir embora pareça “irracionalmente” saber que não há respostas conclusivas esse respeito.

2.1 Representação literária da pobreza

O termo representação social compreende variadas significações, referindo-se à representação política, artística e cênica, dentre outros. Desta forma, pode-se considerar que a vida social é uma grande representação, e isso ocorre pelo fato de representar o papel do político, professor, desempregado, etc. (CHALHOUB, 1996).

A representação se torna um espaço que constrói a perspectiva social do excluído. Eles são refletidos dentro da tradição literária em uma posição secundária a serem investigados pela carga de opressão que carregam. Geralmente nessas narrativas, mulheres negros, pobres e trabalhadores são mencionadas pela posição de silenciamento marcados por estereótipos sociais (DALCASTAGNEUNB, 2007).

A representação da pobreza e marginalidade é construída a partir de funções que não são esperadas (geralmente), dotadas de juízo de valor que não se restringe somente ao aspecto econômico, mas abordando, sobretudo um “modo de vida”, que perpassam a imagem do coletivo (BAHIA, 2012).

Claramente determinado problema social está relacionada a degradação da condição humana a uma posição reservada a pobreza. Indivíduos que necessitam das condições básicas de uma sociedade. Porém vivem as mais perceptíveis formas de privações, desprovidas de bens, excluídos socialmente e privados de cidadania (GARCIA, TORRI E CERNY, 2017).

O fato de existirem pessoas que vivem desprovidas de quase nenhum capital cultural ou econômico, é uma das características mais marcantes da identidade brasileira (ANDRADE, 2019). Diante do exposto, é válido retomar a definição de pobreza dada por Joel Rufino dos Santos, para quem os pobres:

São os desprezíveis, não de qualquer posse, mas de território, de casa, de emprego (embora não de trabalho), de local (embora não de lugar), de família (embora não de nome) e enfim, do próprio corpo (no caso de escravos e servos da Colônia ou Império). São, em suma, um estado nômade ou vagabundo (SANTOS, 2004, p. 29).

Na literatura a pobreza representada pelos personagens se evidencia pela expressão de “absoluta miséria” entendida não mais como uma particularidade de subsistência física, mas referente a uma carência de indivíduos que não atingem o padrão de vida comum à sua sociedade, e que por isso, são incapazes dela participar” (ENGBERSEN, 1999).

Nesse sentido, a configuração literária a respeito da pobreza, é auto reflexiva, visto que se tem a imagem do pobre, ora exaltada quando este é descrito como aquele inocente e frágil desajustado, com sentimento de orgulho enraizado na sua personalidade, ora de uma forma rebaixada, com uma pobreza suja, rala, ignorante. A representação figurativa faz alusão à fraqueza decadente que é desencadeada pelo desarranjo social. O capitalismo é a figuração de um mundo onde não há “espaço” para o pobre. É uma sociedade inacessível e impiedosa que abate os fracos (RABELO, 2013).

Apesar de pouca quantidade de críticos literários preocupados com o aspecto social, eles não estão ausentes. No livro *A Sereia e o Desconfiado*, (1965), publicado no Brasil pelo australiano Robert Schwarz, nota-se Um primeiro passo para a representação dessa temática. Schwarz inicia um estudo cerrado sobre Machado de Assis, fazendo uma crítica acerca da formação social no Brasil, retratando a divisão da sociedade em classes (SPALDING, 2006).

Neste trecho da obra machadiana Quincas Borba (1891), Rubião expõe marcantes reflexões acerca de pensamentos baseados em uma lógica social de interesses, representando o fiel retrato da época.

Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o o que lhe é apazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, o ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas (MACHADO DE ASSIS, 1891, p. 6).

Enquanto expressão de uma sociedade os personagens literários no quadro de extrema pobreza são evidenciados na categorias de rude e ignorantes por

comportamentos invisíveis extraído do plano social. Criaturas anônimas, subumanas, condenadas a viver à margem do mundo que as cerca. (SILVA E BORGES, 2004).

Em *Vidas Secas* (2018) de Graciliano Ramos, a família de retirantes são duramente massacradas pela opressão em todos os segmentos da sociedade. O autoritarismo expõe o caráter agressivo dos latifundiários ao comparecerem marcando território no lugar até então aparentemente abandonado (PACHECO, 2015). O que demonstra a impetuosidade do abuso de poder as camadas mais baixa de uma população que diariamente luta contra a fome, seca e escassez de recursos, tendo ainda que lidar com a distribuição injusta e cruel das terras.

Castigados pela agressividade da seca vivem em constante peregrinação em meio a falta de perspectiva, vidas primárias que pulsam injustiça, silêncio em absoluta miséria (SILVA E BORGES, 2004). Seres em conflito com o mundo pela incompatibilidade de defesa, vulneráveis as condições adversas dos problemas sociais. São apresentados na vertente daqueles que não tem dinheiro, instrução e percepção da sua própria condição social (SILVA E BORGES).

Em se tratando da representação literária da pobreza retratada na obra que inspira a presente monografia *A Hora da Estrela* representa um livro de silêncio centrado na relação do homem com a natureza, especificamente sobre a complexidade do contexto sócio-político da época. Desse modo, a mesclagem de características do romance regionalista com aspectos do romance intimista ganha ênfase na literatura brasileira de 1945 em detrimento as discussões sociais.

Na produção literária, cada fragmento expressa um invólucro artísticos, porém o instrumento ali visualizado, não é em si um objeto de arte. Nesse sentido, a pobreza e a miséria representada por Macabéa, remetem características das classes mais desfavorecidas, compostas por pessoas que passam despercebidas na sociedade, representando acontecimentos simplórios, não necessitando desta forma de uma produção laboriosa ou simbólica. Assim sendo, a pobreza que ronda a sua história, divaga sobre muito sentidos de pobreza.

Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Em *A hora da Estrela* (1998), Clarice Lispector põe de lado momentaneamente a estética da beleza, do figurino, dos padrões da época. Na crônica a escritora reflete sobre as agruras do pobre, com cenas cotidianas em seus momentos íntimos, tornando a narrativa para o homem (moderno), um instrumento para exercitar ou experimentar novas percepções e reações (CARDOSO, 2010).

No entanto, as mazelas desse contexto social se encaixam perfeitamente no estilo de vida da personagem Macabéa, que de tão pobre nunca havia jantado em um restaurante, sobrevivia basicamente de cachorro-quente e Coca-Cola. Vítima do atraso e da ignorância se desloca da aridez do sertão para viver no anonimato da cidade grande carregando consigo a incerteza do futuro, a falta de perspectiva e o drama da pobreza. Mesmo sem perceber vive uma longa meditação sobre o nada (LISPECTOR, 1998).

Esse vazio social acentua-se a passagem da ficção para a realidade em que as experiências da personagem estão correlacionadas ao universo agressivo e repressivo. A transposição do cenário da vida no sertão nordestino para a cidade do Rio de Janeiro causou grande impacto no processo de adaptação no espaço urbano. Entretanto essas dificuldades superou o plano pessoal para retratar o indivíduo na condição de ilegitimidade, e como o sistema pode ser cruel e devorador a quem não contribui socialmente.

A pobreza além de feia e promíscua pairava sobre si, o insosso do mundo nas suas vestes evidenciava alguém sem história, pois ninguém a vê. Sem almejar o pior nem o melhor, apenas vive fora de si, fora do mundo (LISPECTOR, 1998). Marginalizada e mal vista em todo contexto da obra se encaixa nas camadas mais pobres da sociedade com um recolhimento no corpo marcado pela opressão.

3 CLARICE LISPECTOR: A MULHER NA LITERATURA

No período medieval a condição da mulher se consolidava através do ideal de casamento e da grande influência exercida pelas maquinações ideológicas da igreja católica. O cristianismo estabelecido por toda Europa na época, disseminava o controle e doutrina sobre o corpo. Os valores de subserviência da mulher se justificava pelo antifeminismo agressivo em combate à renúncia sexual (GEVEHR E SOUZA, 2014).

A finalidade de uma construção familiar a base do casamento consistia em atribuir uma posição que lhe fosse digna dentro do ideário que apontava seu lugar no mundo. Situação essa oriunda de uma sociedade que historicamente destina os papéis sociais às mulheres conforme a cultura patriarcal dominante, reduzida ao espírito de subordinação a autoridade masculina (DAVIS, 2016).

Nesse contexto o discurso científico do século XIX sustentava as concepções da divisão sexual dos papéis e dos espaços definido o “lugar das mulheres” (PERROT, 2005, p. 78). E com isso a figura feminina deveria apresentar um comportamento propício à obediência, resignação e delicadeza, designada a procriação e funções do lar, sendo então considerado o homem provedor da casa, do conhecimento e a mulher a margem de qualquer participação sociopolítica

Como se pode observar, as habilidades domésticas faziam parte de um dos elementos de doutrinação do corpo feminino que deveria ser desprovido de conhecimento. Jamais poderia haver uma mulher de características visionária, independente, ativa no espaço público que conduzisse seu próprio estilo de vida, pois ao contrário dos homens, elas deveriam ter uma educação restrita a ensinamentos que remetessem a questões morais e religiosas.

Considerando que a intenção da boa e sábia natureza foi de que as mulheres, exclusivamente ocupadas com as tarefas domésticas, se sentissem honradas de segurar em suas mãos, não um livro ou uma pena, mas uma roca ou um fuso (PERROT, 2007, p.92).

Denota-se que os padrões normativos estabelecidos pela sociedade tinham o intuito de impor limites que impossibilitassem a construção da identidade feminina em se autodenominar sujeito social. O objetivo consistia em mantê-las domesticadas fora do aspecto político e intelectual, e para isso era necessário

instruí-las ao ambiente familiar assumindo os papéis futuros de mãe, esposa e dona de casa para torná-las agradáveis e uteis (PERROT, 2007).

Por muito tempo foram condicionadas a atender os pressupostos criados a respeito de sua natureza. O seu lugar na sociedade se delimitava pelo cumprimento da função de subserviência ao pai, e em seguida ao marido após o casamento, sendo a família a verdadeira responsável pela ancoragem da existência das mulheres (PERROT, 2005).

Segundo Pierre Bourdieu (2012), a sociedade definia o corpo como realidade, esse dualismo em relação ao gênero recebia uma divisão social fundamentada pelo sexo. A mulher reservada à vida privada, atrelada à submissão e passividade, enquanto o homem educado para independência e destinado as diferentes formas no mercado de trabalho, o que justificava uma distribuição bastante restrita as atividades destinadas a cada um dos dois sexos (BOURDIEU, 2012).

As teorias democráticas da Revolução Francesa, defendidas no século XIX, não produziu uma mudança significativa na vida das mulheres, visto que elas continuavam em posição a margem da sociedade, evidenciando que a sua imagem ainda dependia de outra pra se confirmar como sujeito social. Entretanto, o século XIX trouxe consigo lutas que, mais tarde, trariam importantes conquistas para as mulheres. Zolin (2005, p. 185) cita algumas lutas desse tempo:

[...] como o direito ao voto [...]; demandas solicitando permissão para as mulheres casadas gerirem seus bens, as quais culminaram na votação da Lei de propriedade da mulher casada [...]; campanhas contra a Lei das doenças contagiosas [...]; além de obras feministas que deram continuidade ao primeiro argumento pelos direitos da mulher, escrito no final do século XVIII por Wollstonecraft.

Apesar de todos esses consideráveis avanços, no século XIX, as mulheres ainda estavam profundamente aprisionadas pelas representações e as normas da cultura patriarcal dominante, conseguindo, segundo Perrot (2012), somente romper a barreira do silêncio ao qual foram entregues e começar a construir uma história para si que, de início, através de biografias de “mulheres excepcionais” como “Branca de Castela, Jeanne d’Albert, Mme. De Maintenon e, principalmente, Maria Antonieta” (PERROT, 2012).

Em 1880 com o surgimento da escolarização para mulheres houve uma reestruturação significativa no sistema cultural e nas convicções ideológicas desenvolvidas pelo estudos científicos. O processo metafísico pelo qual inferiorizava a natureza da mulher em um lugar pré-estabelecido perdia forças em meio a luta da prática do ideal de igualdade entre sexos. A definição de liberdade em relação a instrução da mulher suscitam debates pelos ideais de “independência e igualdade” na luta pelo direito a educação.

A difusão, no século XIX, de escolas, jornais e literatura destinada ao público feminina parece representar um momento importante na rede definição do repertório cultural "apropriado" as mulheres. O movimento foi acompanhado com muita atenção por alguns segmentos conservadores da sociedade que, embora negassem a igualdade de direitos de homens e mulheres, defendiam a extensão a estas últimas do letramento, do domínio de línguas estrangeiras e de habilidade de conversação e desenvoltura social, a fim de que pudessem cumprir bem as funções de mãe e esposa nas sociedades urbanas (GUSMÃO, 2012, p. 269).

No Brasil de oitocentos, segundo Osana Zolin (2005) o feminismo se desenvolveu paralelo aos movimentos em prol da abolição dos escravos e da proclamação da república. Nesse tempo, ainda de acordo com a autora temos o aparecimento de Dionísia Gonçalves Pinto, cujo pseudônimo era Nísia Floresta Brasileira Augusta, primeira teórica do feminismo no Brasil, com o livro *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1832). Anos mais tarde, surge “o primeiro romance brasileiro de autoria feminina de que se tem notícia, *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis”.

A literatura, assim como outras formas de arte, foi responsável pela propagação de imagens negativas em relação à mulher, relegando para esta uma posição inferior na sociedade. As obras de autoria masculina na literatura brasileira evidenciam essa negatividade, a mulher subjugada a partir de estereótipos culturais.

Dom Casmurro (1997) de Machado de Assis, na construção da personagem Capitu que apresenta desvio de personalidade característico da dissimulação e sedução, Rita Baiana mulher sedutora, imoral em *O cortiço* (2018), de Aluísio Azevedo e o erotismo e sensualidade como perigoso e imoral em *Lucíola* (1992), de José de Alencar e *Gabriela Cravo e Canela* (2006) de Jorge Amado. A releitura de textos literários permite revelar o discurso patriarcal subjacente nesses textos, contribuindo para a reconstrução da identidade feminina de forma positiva (ZOLIN, 2005).

Literaturas de autoria masculina tendem a representar a mulher segundo a ideologia dominante, ou seja, o sistema patriarcal. Tendo em vista essas concepções, julgou-se necessário questionar as diferenças fundamentadas pelo sexo do modelo excludente ainda predominante no pensamento ocidental do cânone literário. Sobretudo a crítica feminista proposta por Virginia Woolf em seu ensaio “*Um teto todo seu*” (1928), pretende apresentar a relação conflitante da condição socioeconômica como empecilho da atuação das escritas de autoria feminina nas variadas esferas culturais, onde a predominância era de homens devido ao seu alto poder aquisitivo.

O poeta pobre não tem hoje em dia, nem teve nos últimos duzentos anos, a mínima chance... Uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mas esperança do que tinha o filho de um escravo ateniense de emancipar-se até a liberdade intelectual de que nascem os grandes textos”. A poesia depende da Liberdade intelectual. É as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos das escravas atenienses. As mulheres portanto, não tem tido a menor oportunidade de escrever poesia (WOOLF, 1928, p. 131).

É importante ressaltar que a escassez da escrita tanto feminina quanto dos outros componentes de grupos marginalizados não se encaixavam no cânone literário por não ser considerado um texto “esteticamente consagrado” ou “digno de ser lido”. Os padrões literários da época estavam atrelado a superioridade de um grupo politicamente bem situado. Segundo Thomas Bonnici (2005), os grupos que eram historicamente marginalizados mulheres, indígenas, escravos só começam a surgir no contexto literário depois de séculos de submissão.

As transformações ocorridas nas relações homem-mulher no decorrer do século XX possibilitaram mudanças significativas na conquista do espaço feminino. Em decorrência do feminismo a entrada da mulher no campo literário foi visivelmente marcada por preconceitos e discriminações enquanto sua capacidade na arte da escrita. Tendo que enfrentar as recriminações sociais pela forma como conduzia suas técnicas narrativas.

Eu sempre tive pelas senhoras que fazem literatura- um atemorado respeito. As relações com uma poetisa são verdadeiras desastres impossíveis de remediar, mas que o galanteio social obriga a acoroçoar. Quando a femme de lettres deixa o verso e embarafusta por outras dependências da complicada arte de escrever, as relações

passam à calamidade. [...] Por que escrevem essas senhoras? Ninguém o soube; ninguém o saberá. Com certeza por que não tinham mais o que fazer, como a Duquesa de Dino. Mas elas escrevem, escrevem, escrevem (JOÃO DO RIO 1911, *Apud* XAVIER, 1999, P. 19).

No entanto, a produção literária feminina surge como uma quebra de paradigmas as remotas ideologias passadas, rompendo com o estruturalismo da tradição literária patriarcal. A emancipação das mulheres permitiu um processo de reavaliação da sua trajetória histórica, principalmente no ambiente literário, cultural e social. Os novos conceitos referentes à condição da mulher na história da literatura, oportunizou uma reescrita ao desenvolvendo da sua verdadeira identidade pelo olhar da própria perspectiva. As literatas livres de qualquer repreensão ideológica, e sexual passam a lutar contra esse sistema que antes estavam submetidas resgatando uma reprodução extremamente autêntica.

As escritas de autoria feminina apresentam um traço marcante em relação às percepções do mundo disseminando temáticas cotidianas em meio a um olhar diferenciado das vivências enquanto mulher. Essa nova mulher que procura o sentido das coisas, que explora as novas possibilidades do fazer literário se insere na sociedade pelo amadurecimento crescente da consciência crítica fazendo-se perceber no meio exterior (ROSSO,2004).

3.1 Literatura Intimista Em Clarice Lispector

Quando se trata de estilo literário Clarice Lispector apresenta característica inconfundível ao dar importância a prosa de sondagem psicológica, por abordar o comportamento humano de forma peculiar acaba se consagrando como uma das escritoras contemporâneas mais importantes da tendência Modernista no século XX.

Clarice Lispector apareceu no cenário em 1944 com uma ficção subjetivista e uma retórica não mimética, cheia de metaforizações insólitas, violentos desvios metonímicos, estranhamentos produzidos por um narrar que se deixava conduzir por um descrever alusivo, fundado em intensa atenção ao sensível e ao detalhe (MORICONI, 2003, p. 720).

As obras de Clarice Lispector se enquadram em uma nova expressão literária que propõe entender os conflitos gerados pelo nosso subconsciente. As

questões sócio-políticas perderam destaque à medida que os escritores de linhagem intimista da geração 45 colocavam em segundo plano o “dito” padrão literário da época. Os fatores políticos, sociais e econômicos defendidos por uma sociedade já não tinham tanto impacto quanto o ato de se questionar.

A sombra, a angústia, o nojo, a náusea, o não-pertencimento, o mal-estar indefinido, tudo isso permeia sua escrita com maestria e a coloca entre os maiores escritores do instrumentalismo, terceiro estágio do Modernismo (RIBEIRO, 2008, p. 15).

Na *História concisa da literatura brasileira*, Alfredo Bosi ressalta que o romance intimista nem sempre está intimamente ligado à esfera do sonho ou do irreal, afirmando que a introspeção surge como uma necessidade de autoconhecimento em compreender os conflitos do indivíduo desde as lembranças que remetem a infância ou da fixação dos estados da alma. Em sua literatura intimista Clarice Lispector buscava significações raras fixando na crise do próprio indivíduo, em sua consciência e inconsciência, numa tentativa de absorver o mundo pelo “eu” (BOSI, 2006).

O intuito era refletir sobre a existência humana, a qual provocasse necessidade do “indivíduo” se colocar em primeiro no plano social através da sondagem psicológica. Visto que para Bosi (2006, p. 453), “o sujeito só “se salva” aceitando-o como o objeto tal; Como a alma que, para todas as religiões devem reconhecer a existência de um ser que transcende para beber nas fontes da sua própria existência”.

O seu modo particular de retratar experiências pessoais e o universo feminino resultou no romance introspectivo, tendo como principal vertente em suas obras o questionamento do ser, o está no mundo. Suas reflexões partem sempre de acontecimentos já vividos, “tem gente que cose para fora, eu coso para dentro” (Lispector, 1998). Para a autora a criação literária se dava primeiramente através do próprio íntimo, uma viagem ao consciente individual, a libertação pela fuga interior.

Enquanto a elaboração de seus escritos, Clarice Lispector evitava utilizar os padrões clássicos dos romances da literatura, e devido o seu gosto pelo inusitado, demonstrava interesse por tudo aquilo que envolvia a perspectiva existencialista. Para ela a vida era uma imensidão de indagações dentro da individualidade de cada um, a autora “perseguiu o neutro, isto é aquilo que escapa

toda identidade e, portanto, a toda filiação. Em vez de falar de si, Clarice falava do real, essa esfera da vida que sempre nos escapa” (CASTELLO 2007, p. 47).

Ademais, o seu processo narrativo priorizava uma estrutura descontínua, rompendo com a linearidade padrão do modelo literário, tendo como enfoque central a predominância o tempo psicológico. Sua escrita profundamente genuína mergulhava a fundo nos elementos que provocavam impressões e sensações da mente humana. Analisando através do fluxo de consciência o que afligia em seus personagens, suas angústias, seus dramas existenciais.

Há na gênese de seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura de seu itinerário, a própria subjetividade em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da alta análise, reclama um novo equilíbrio (BOSI, 2006, p. 452).

A respeito da literatura brasileira, Antônio Cândido em *Vários Escritos* (2004), discute sobre a problemática do conformismo estilístico de alguns escritores brasileiros em relação ao modelo tradicional literário. Os romancistas da época estavam acomodados a desenvolverem temáticas já existentes, de modo que perdessem a originalidade na reprodução das expressões literária.

No entanto, ao se deparar com a amplitude dos textos de Clarice Lispector, fica impressionado com tamanha intensidade que ela exprimia o existir. Tendo um verdadeiro choque ao conhecer uma de suas primeiras obras *Perto do coração selvagem*, quando ainda era desconhecida para ele. O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea (Cândido, 2004). Até o momento foi a única a violar a rotina literária indo além dos limites proposto pela literatura.

A obra *Perto do coração selvagem* (1944), é um dos primeiros romances de estreia de Clarice Lispector no campo literário. O estilo narrativo descontínuo causou grande impacto aos críticos da época por apresentar uma nova vertente antes não explorada no romance regionalista de 1930.

A narrativa propõe uma ampla reflexão sobre a habitual linguagem literária, expondo preocupações existenciais da protagonista Joana e sua necessidade de compreensão do mundo e de si mesma. Sobretudo a forma como a infância e a vida adulta se contrapõe nas vivências da personagem permitia

oscilações entre o presente e o passado rompendo com linearidade do espaço temporal.

Surge um momento que todos os segredos da trama são desvendados a partir do olhar voltado ao plano interior, revelando o lado sombrio que o ser humano esconde. Essa constante fuga em muitos momentos evidência a tensão psicológica provocada pelo sentimento de perdição em meio aos conflitos internos que se permeiam em toda sua trajetória.

Ainda mais, o tom confessional da narrativa, sem ser propriamente autobiográfico, passando do ela-autora (e é preciso que se diga assim no feminino) para o eu, Joana- protagonista- narradora, dá-nos a sensação de um duplo, que hora se funde ora se separa uma mergulhando na outra, explicando, analisando, detalhadamente, procurando compreender, sobretudo na “Primeira Parte” (CASTELLO, 1999, 443).

De certa forma, a similaridade presente na correlação entre o autor e personagem evidência esse impasse ao se deparar com a narrativa, em não conseguir identificar quando o narrador está presente ou quando ele se ausenta. Essa é uma das características bastante exploradas nos contos e livros da escritora, em intercalar seus devaneios psicológicos a identificação dos vários estágios da vida. Além disso, o processo de epifania surge como um desequilíbrio que provoca mudanças na trajetória dos personagens.

A descoberta do mundo se dá pelo acontecimento de fatos inusitados que proporcionam o despertar da consciência do indivíduo, colocando em crise a subjetividade. Suas temáticas traziam à tona questionamentos de ordem filosófica e psicológica através de indagações do monólogo interior por meio de suscetíveis crises de identidade.

O existencialismo em Clarice Lispector cumpre a risca o modelo psicológico inscrito nessa filosofia de vida: toda sua obra, desde *Perto do Coração Selvagem* até os textos póstumos (ainda que narrados na terceira pessoa), espraia-se como um imenso monólogo, ou, com mais um rigor, um solilóquio, uma vez que se processa perante o interlocutor, representado pelo leitor ou pelo "eu" tornando um objeto de si próprio. Como que ao espelho, o "eu" se narra interminavelmente, retomando sempre de ponto diverso o círculo em espiral de sua ansiosa indagação (MOISES, 1985, p. 458).

Esse transbordamento do ser envolve uma técnica marcante na construção dos romances de Clarice Lispector, “o fluxo de consciência”, a constante busca pelo encontro de si. Há uma inversão de papéis entre narrador e personagem, que deixa de narrar para fazer reflexões acerca do próprio comportamento. Constantemente, nesse intervalo, o autor desenvolve uma perspectiva através do outro, como acontece na narrativa de *A hora da Estrela* (1998), na sua própria individualidade o autor se encarrega de representar a partir da sua voz interior a consciência que se tem do mundo e da personagem que se humaniza precisamente pelo ato da fala e pelo uso da palavra (BECKER, 2009).

3.2 O Universo Feminino De Clarice Lispector

Decidida desvendar as profundezas da alma, Clarice Lispector surge como uma figura enigmática pela sua marcante escrita existencialista. Para ela, o processo de escrever tem o poder de reproduzir o irreproduzível, sentimentos que estão sufocados na alma (Lispector, 2008). A sua busca pela essência humana reproduz um lado profundo em seus personagens despertando um sentimento de auto identificação pela forma como transcende as experiências comuns em suas narrativas.

As relações entre o “eu” e o “outro” se materializam pelas características psicológicas atribuídas a seus personagens que geralmente enfocam a importância das protagonistas femininas. A produção de suas narrativas foi criada a partir suscetíveis acontecimentos do dia a dia, sobretudo nas particularidades da vida, casamento e maternidade. Com isso, suas obras são um mergulho sobre os anseios carregados por mulheres reprimidas pelas incertezas e angústias dos dramas existenciais presente em uma sociedade patriarcal.

O modo como Clarice conduz a degradação interior reflete o que se passa nas relações humanas e nas questões universais: amor, solidão, trabalho, acontecimentos que remetem a necessidade de transformação em meio ao processo de crise do personagem. Nesse sentido a representação feminina acontece pela transportação de comportamentos da autora objetivando uma denúncia crítica aos papéis assumidos pelas mulheres do século XX.

O dilema de todas as mulheres é discutido dentro do universo feminino de Clarice Lispector, onde esse universo é tão vasto de personalidades que se perdem

no meio do caminho e que procuram se encontrar entre Idas e vindas em labirintos da sua linguagem literária. Seus escritos revelam uma constante descoberta do mundo, no qual se cria destinos que condizem com a nossa realidade e que ao mesmo tempo nos permite se autoconhecer.

A obra de Clarice Lispector reveste-se de uma tal singularidade que mesmo o leitor menos atento aos problemas literários ou psicológicos se sente interpelado tanto por uma certa insatisfação e questionamento da existência, como por uma linguagem de refrações múltiplas onde nada é uno e simples, e tudo encruzilhada de abismos de significações (CRISTOVAO, 1983, pág.291).

A construção por detrás de cada personagem sustenta temáticas aparentemente banais que parecem não causar tanto impacto para o público leitor. Até que se consiga identificar os aspectos sociais dentro das multifaces de suas obras, contos, romances, ensaios que se inter cruzam no campo das relações pessoais. Cada história sustenta uma capacidade de renovação, uma estreia penosa e feliz (LISPECTOR, 1988).

A coletânea *Laços de Família* (1998), de Clarice Lispector é composta por treze contos que retratam o monótono cotidiano de mulheres da classe média carioca que diariamente são massacradas pela banalidade de sua comum existência, parecem não perceber que vivem no modo automático. Aprisionadas ao falso estado de realização, os contos refletem a condição feminina da época e o relacionamento conturbado em família.

No conto *Amor* a personagem Ana é uma mulher urbana que vive dentro dos padrões da sociedade tendo sua vida resumida em cuidar da casa, dos filhos, do marido e se deleitar no conforto que era garantido as mulheres casadas. Sempre em suas folgas dos afazeres domésticos, as arvores riam diante dela, quando mais nada precisava da sua a força.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Para fugir do silêncio perturbador da hora perigosa, Ana decide sair para fazer compras. Ao se deparar com um homem cego mascando chicles, fica impressionada com a forma que o cego conduzia sua vida no modo automático da

escuridão, sem aparentar nenhum sofrimento. Quando bonde que ela estava freia subitamente, suas compras caem no chão. Naquele momento Ana se perde em devaneios o que a faz refletir que sua vida consistia também em movimentos mecânicos no escuro. Em um súbito processo de epifania a personagem desperta o sujeito de sua alienação refletindo como seria sua vida se as escolhas da sociedade não tivessem sido feitas para ela.

O pequeno desequilíbrio nos acontecimentos monótonos do dia a dia foi o estopim para que a personagem percebesse que faltava algum sentido na vida. Logo, percebe-se que bastou apenas um momento de reflexão para que os sentimentos ruins viessem à tona, confirmando a necessidade de mudança.

Escrever, então, torna-se a maneira encontrada por Lispector de manipular sua própria realidade. Suas personagens entram em crise existencial e saem reconstruídas pela capacidade que Clarice tinha de guiar seus comportamentos (RIBEIRO, 2008, p. 14),

Assim como os desafios sociais a fuga da realidade é um fator predominante nas obras de Clarice Lispector que tem por objetivo a reconstrução da personagem em confrontar as emoções. A autenticidade transmitida pela autora nos conduz ao encontro de personalidades vividas de sua própria realidade de mulher em cada fase da vida.

Eu queria me pôr completamente fora do livro, e ficar de algum modo isenta dos personagens, não queria misturar 'minha vida' com a deles. Isso era difícil. Por mais paradoxal que seja, o meio que achei de me pôr fora foi colocar-me dentro claramente (SABINO, 2003 p. 139).

Suas experiências pessoais dinamizavam o universo interior estabelecendo reflexões extraídas do seu ambiente familiar. Explorava inovações através da espontaneidade de seus pensamentos um tanto persuasivo e visionário em seus escritos (LISPECTOR, 1984). Em torno das suas situações cotidianas prevalecia uma reveladora subjetividade que se permeiam pelo fluxo de consciência, escrevia para sentir sua alma falando, cantando e às vezes chorando (LISPECTOR, 2008).

4 A HORA DA ESTRELA: A CONSTRUÇÃO DA NOVELA DE CLARICE

O romance literário *A hora da estrela* de Clarice Lispector publicado em 1977, enfatiza os aspectos socioideológicos reunidos nos suscetíveis acontecimentos do dia a dia da protagonista Macabéa. A personagem principal é marcada pelo violento processo de desumanização, representando todas as formas extraídas do termo “pobreza”.

Clarice Lispector em *A hora da estrela* desperta questionamentos pertinentes em relação as reflexões acerca do comportamento humano sobre a perspectiva social. A cerca da construção da novela surge de relance pelo escritor e narrador Rodrigo S.M que absorve a inutilidade humana presente na personagem Macabéa, migrante nordestina em fuga da miséria.

O contexto da obra resulta na exploração das temáticas de marginalização das classes sociais, o impacto da pobreza e as reflexões existências desenvolvidas a partir das condições precárias vivenciadas pela personagem. Indivíduo sujeito a banalização da sociedade, tratada de modo brutalizado sendo lançada a margem e excluída do processo de acesso aos bens e riquezas produzidas (FERREIRA, 2014).

Trata-se de uma mulher miserável, que vivia mais quatro colegas de quarto, restrita a uma vivência de explorações, em um subemprego como datilógrafa, de poucos atrativos físicos e que raramente pensava sobre si. Como se não bastasse ter nascido e vivido no lugar que é a própria metáfora da “fome e da miséria”, a personagem vem para o Rio de Janeiro e tenta, sobreviver no “cenário agressivo” de uma grande capital (GOTLIB, 1995).

A narrativa aponta as limitações da personagem em relação aos problemas existenciais, comprometida sempre pela composição da voz do outro (narrador). Ele é a consciência que se projeta através da personagem instituindo a humanidade de seres que a sociedade põe à margem (CANDIDO, 1992).

Por meio da palavra o narrador se evidencia como um escritor moderno, propondo o desafio de experimentar o insosso da vida de restrições do mundo da jovem nordestina.

O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros e enlameados apalpar o

invisível na própria lama. De uma coisa eu tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Segundo o professor Marcílio Gomes (2012), *A Hora da Estrela* é uma interminável pergunta sobre a condição humana, um paralelo traçado de histórias que se fundem, entre pessoas de classes completamente distintas, que se permeiam no universo narrativo de Rodrigo S. M no seu próprio ato de escrever.

O enredo é construído pela transfiguração de identidades, uma tentativa de dimensionar a narrativa em planos simultâneos: a presença de um autor-narrador que se propõe a contar a história da nordestina (SILVA E BORGES, 2004).

A personagem como sujeito polivalente está dependentemente construída a partir da relação com o outro. Revela-se a figura do autor pelo exercício da linguagem em uma conflitante dificuldade de escrever sobre a nordestina durante seu processo criativo. Uma relação de corpo e consciência que se humaniza pelo ato da fala e pelo uso da palavra (BECKER, 2009).

Em determinados momentos da narrativa ambos se opõem mutualmente pelo abismo social que os separa e ao mesmo tempo os aproxima. Uma postura ambivalente de identificação e afastamento (FUKELMAN, 1999). O antagonismo vivido por essas classes sociais, constrói um mecanismo de aproximação entre a fala e o silêncio. O narrador-escritor intelectual mergulha no olhar comprometido pelo silêncio no anonimato mundo de Macabéa.

O narrador, perpassado por toda sorte de indagações sobre o ser e o existir, atormentado pela incompletude e pela dualidade da natureza humana para as quais as respostas são precárias, converte a busca em sua única certeza. Aquilo que, em uma situação comunicativa banal, passa despercebido projeta-se para o narrador como condição essencial do ser: apreender a si mesmo inclui o confronto com o outro (FUKELMAN, 1999, p. 7).

A dramaticidade da narrativa nasce da proposta dentro da ótica existencialista ao encontro de si mesmo. A inquietação do escritor-narrador exprime um conflito entre culpa e desprezo evidenciado nos 13 subtítulos da obra. Culpa por tomar como responsabilidade o peso de uma situação que não é dele perante as mazelas da personagem, e desprezo por entender que ela poderia se arranjar. Até se compadecer da sua atual situação, que ela jamais se arranjará porque sequer tinha consciência de si mesma.

O resgate da humanidade de Macabéa partirá do propósito de Rodrigo em retirar o escritor - ele mesmo - da sua confortável posição de inventor do mundo e de fatos desligados da realidade: ele irá tentar ceder sua voz à silenciada Macabéa, por meio de um processo de ascese e identificação (SILVA E BORGES, 2004, p. 4).

Trata-se de uma história em meio ao falso livre arbítrio de Macabéa, um processo sofrido por complexas reflexões existências, para atribuir sentido a sua insignificante vida. Nitidamente ao desconhecer o desfecho do que poderia se transformar a narrativa, o narrador-autor em suas angústias enfatiza a dificuldade e estranhamento perante a esse duro processo construtivo em compreender sua miséria humana.

Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Na desconstrução de sua imagem o autor-narrador passa por um processo de despersonalização identitária ao encontro da individualidade perdida na personagem, estabelecendo com ela um vínculo afetivo. A necessidade de ir além de seus limites permitiu o conhecimento do outro para reconhecer a si mesmo, uma reconstrução acerca do ser e de sua essência.

4.1 A Construção Ideológica do Sujeito Deslocado

A construção de Macabéa, “se dá, em primeiro lugar pela sua memória institucionalizada representada por signos ideológicos com os quais a personagem dialoga na tentativa de se conectar com a sociedade urbana moderna”. Porém os pressupostos dessa conexão e alinhamento se torna uma tentativa fadada ao fracasso pela incompletude da personagem. Ela na definição de sujeito descentrado não tem o controle do impacto social causado em sua existência. (MARCHESANO, 2010).

Criada sobre o autoritarismo da tia, a jovem de dezenove anos carregava consigo experiências negativas de uma relação fragmentada sem qualquer laço afetivo. A sua posição limitada do intelectual a projetava em uma dimensão de retrocesso cultural. E como consequência do bombardeio da vida moderna seguiria anônima nas suas fracas aventuras, em um mundo conspirando contra si.

Em sua curta trajetória na então cidade do Rio de Janeiro "vive em um atordoado limbo entre o céu e o inferno" (LISPECTOR, 1998). Condenada por não se tornar sujeito da própria história, suas escolhas representavam apenas o extinto de viver.

Ela que deveria ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevi tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra- a tia que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Na infância, vivia acuada em meio à incapacidade de se expressar, como uma espécie de bicho do mato que se evidencia a base de ruídos. "Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos" (LISPECTOR, 1998). As dificuldades de desenvolver uma linguagem articulada a tornava um sujeito vulnerável em contradição a sociedade que oprime, humilha, ignora o que é desajustado.

Nada aprendera sobre a vida, o que a torna um ser não humanizado em seu sentido completo. A falta de ensinamentos que a instrísse no meio social apresentava traços irremediáveis nas suas manifestações individuais. Pois a vida é assim: aperta-se o botão e a vida ascende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia na sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável (LISPECTOR, 1998).

Uma existência miserável, de vida primária, tão pobre quanto humilde, de recursos limitados, que não conseguia identificar dentro de si mesma que era infeliz. Toda essa passividade da retirante no contraste da cidade grande a torna alvo de desintegração social, onde aos poucos Macabéa é devorada pela intensificação da civilização urbana. Na condição de invisibilidade é analisada pela sua ignorância em meio ao processo de adaptação na rápida convergência de mudanças no cotidiano da metrópole.

A vida na cidade grande implicaria, portanto, uma predominância da inteligência nos indivíduos, na medida em que a intelectualidade seria um dos principais fatores responsáveis por preservá-los contra os inúmeros estímulos e o poder avassalador das forças sociais (SIMMEL, 1973, p.12).

Conforme afirma Simmel (1973), o conflito entre indivíduo e sociedade se dá pela particularidade da vida moderna na cidade grande, uma superposição contínua de choque cultural interior e exterior, individual e supra individual. E em A Hora da Estrela escancara-se o quão a sociedade moderna torna-se modelo excludente, um palco agressivo de incompreensão á aqueles que são incompatíveis as suas culturas e valores.

A conflituosa relação de Macabéa com a inconquistável cidade do Rio de Janeiro culminou no seu processo de emudecimento. Desta forma, ela, que já era quase muda, foi emudecida completamente, engolida pela cidade. Uma cidade, para ela, surda e cega (TOLENTINO, 2014).

A personagem surge em uma linha de introspeção representada pela sua condição desfavorável, tendo em vista uma sobrevivência miserável banalizada pela exclusão social. Extremamente muda, seu silêncio permite assim que se evidencie sua posição dentro do anonimato, estando automaticamente direcionada as camadas menos favorecidas da sociedade. A voz que expressa valores pautados no conhecimento que se tem sobre o mundo, necessariamente as conversões arbitrárias sobre a formação de Macabéa não se construiu de uma instituição social: família, escola, trabalho.

Assim como explica Bakhtin (1984), as visões construídas sobre o mundo são sempre uma dialógica a inter-relação retirada do contexto sócio-histórico. Tais visões não são individuais; o indivíduo se apodera delas a partir das concepções ensinadas de determinada instituição formadora.

Nessa perspectiva entende-se que o social em Macabéa é uma fotografia muda, não se manifesta, o seu comportamento a condiciona a um estado de improdutividade, configurando seu deslocamento na participação ativa em determinado grupo social. De tanta mesmice nem se quer tinha consciência de si mesma, vivia em uma dimensão tomada pela ignorância, por vezes, se desconhecia como indivíduo:

A personagem representa a figura humanizada da natural resistência que de assegura o sobreviver, que se faz, nesse caso, inconscientemente de modo natural instintivo. A moça ignorando os obstáculos conseguem manter uma dignidade patente no seu modo puro. Sob esse aspecto, representa o milagre da vida, o sumo vital, o que para acima de qualquer circunstância delimitação social. Mas, como tal condição é "deslocada" no sistema vigente, já que se mantém a margem da disputa burguesa de ascensão social, acaba sendo

devorada pelo próprio sistema, porque aí ela é um ser "fora do lugar". (GOTLIB, 1995, p. 466).

Entende-se que a falta de engajamento nas relações sociais, a tornava uma sobrevivente em uma sociedade técnica. Na sua composição primária quase não encontrava sociabilidade, estava perdida fora do corpo sem reaver a possibilidade de assimilação à uma identidade. Sua completa alienação impedia de entender o funcionamento da construção da história pessoal como indivíduo em relação a cultura, crenças, valores, e as pessoas com quem se vive. A palavra realidade não significava nada, ela somente vive, inspirando e expirando, o seu viver é ralo (LISPECTOR, 1988).

4.2 Estereótipos Sociais: Macabéa Migrante Nordestina

Bem como no contexto histórico, durante o século XX, a inserção dos migrantes nordestinos tanto na capital do Rio de Janeiro quanto na de São Paulo, ocorreu devido ao agravamento da seca e da miséria. Muitos sofreram com a tensão do processo de integração nas grandes metrópoles devido aos problemas, desemprego, péssimas condições de trabalho, violência e discriminação principalmente pela fala e pela pouca escolarização. A diáspora nordestina conhece apenas uma mudança espacial, no fundo permanece a mesma situação de opressão e pobreza (MATOS, 2016).

Esses grupos foram inseridos no patamar de inferioridade pela hierarquização das relações socioeconômicas e culturais. Além disso não possuíam voz ativa no estrato social, submetidos na situação de dependência pela construção ideológica das classes dominantes. A estrutura econômica assim como a contingência histórica determinavam a condição do sujeito, suprimindo às necessidades de se tornarem valorizados no mercado de trabalho.

O Nordeste, como território da revolta, foi criado basicamente por uma série de discursos acadêmicos e artísticos. Discursos de intelectuais de classe média urbana. Uns interessados na transformação, outros na manutenção da ordem burguesa. Por isso, são obras que partem, quase sempre, de um 'olhar civilizado', de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional, arcaico. Um espaço da revolta que, ou deve ser resgatado para a ordem e para a disciplina burguesa, ou para uma nova ordem futura: a da sociedade socialista. Esse Nordeste rebelde, bárbaro, primitivo, devia ser domado, ou pela disciplina burguesa ou pela 'disciplina revolucionária'. É do ponto de vista da ordem ou de uma nova ordem que se

olha este espaço. É do ponto de vista do poder ou da 'luta pelo poder' que se lê este Nordeste. (Albuquerque Júnior, 1999:194-5)

A construção da figura do nordestino a princípio se desenvolveu em 1930 sobre a invenção de estereótipos, assimilado ao grotesco, rústico e atrasado. Continuavam estigmatizados pelo discurso reproduzido durante décadas pelas oligarquias regionais, que visavam sanar os problemas de corrupção caracterizando o nordeste como uma região extremamente pobre, flagelada e inferior através do mito da eterna seca.

O nordestino seria o produto da natureza hostil em que vivia. O nordestino seria um homem telúrico, figurando em seu corpo e mente a paisagem desolada e rude em que tinha de viver. Era quase um homem-cacto, um homem caatinga, por isso mesmo um ser seco, espinhento, agressivo, inóspito, hostil, pouco acolhedor, sofrido, torturado, de natureza imprevisível. Esta visão de que o nordestino é um homem próximo da natureza, também o estigmatizou como sendo um homem incapaz de conviver com o fenômeno urbano. (ALBUQUERQUE J.R, 2007: 115)

Essa forma tendenciosa atribuída a identidade do Nordeste aos pressupostos de um povo totalmente desconectado das transformações do mundo moderno afetou o convívio dos habitantes dessa região nos espaços urbanos. Assim explica-se a categorização do nordestino em uma condição de subalternidade pela visão estereotipada de “passividade e deslocamento”, indivíduos facilmente domináveis.

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência dessa formação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 49).

Em *A Hora da Estrela* a despotencialização manifestada pela protagonista Macabéa está relacionada ao princípio da verossimilhança em decorrência do mito criado sobre nordeste. No decorrer da narrativa a representação da sertaneja se evidencia pela incompetência nos múltiplos sentidos da vida. O fato de não conseguir alinhamento identitário dentro dos padrões socioculturais da metrópole, torna sua convivência mais difícil estando sujeita a diferenciação social.

Trata-se de constantemente por à prova a identidade do eu, em um processo civilizatório em que impera a diferenciação social, a objetividade nas relações

com o outro e a criação de distâncias nos contatos quotidianos. Essa autoconservação do homem moderno promove a constante tensão entre o interior e o exterior, entre o individual e o coletivo (TOLENTINO, 2014, p. 367).

. A condição social (migrante e nordestina) é um exemplo do retrato marginalizado das classes sociais menos favorecidas. Ela assim como os grupos de nordestinos que se deslocam para outras regiões carregam consigo a tentativa de sobreviver sobre as adversidades no contexto das grandes metrópoles.

Macabéa, personagem quase caricata, tipo servente da classe média, da burguesia e do latifúndio, moradora dos barracos das favelas, dos cubículos partilhados por vários viventes, um gueto apertado e sufocante, os sem-teto-lar-dinheiro-justiça, sem-nada, nas ruas hostis de nossas cidades ocidentais-cristãs. Bernard Shaw, socialista e sarcasta, concluiu que, no capitalismo, o pobre tem um direito inalienável: só ele pode dormir debaixo da ponte...! (ABEL, 2012, p.2).

A proletária nordestina vive no cenário periférico, o lugar onde personagens advindos de esferas sociais diferentes se encontram (GILI, 2016), morando em um cortiço na rua do Acre no lado oposto das classes privilegiadas. “No trabalho vive a eminência de perdê-lo, porque quanto à ela, errava demais na datilografia, sujando o papel invariavelmente” (LISPECTOR, 1998). O aborrecimento causado em seu patrão a colocava em uma corda bamba em meio à demissão reforçando o seu caráter de pessoa facilmente dispensável.

A caracterização da alagoana se dá através herança que recebera do sertão: feia, inócua, alienada, sem cultura, apenas uma fina matéria orgânica desprezível por todos. No decorrer da constituição dos planos da narrativa, remete a uma natureza perdida da personagem em relação a todas as formas de pobreza inculcada no seu corpo. Além disso, os mecanismo de dominação nas relações de trabalho salienta a falta de perspectiva profissional, o que a torna um produto descartável pelo sistema, em uma própria tendência de se tornar invisível.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas, por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma não reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Logo Macabéa nunca pensava sobre si, e quando pensava não se identificava a uma condição específica de um grupo ou classe social. Parecia não ter lugar no mundo e por assim vivendo à toa, desatenta as transformações da megalópole, estava perdida na multidão marginalizada por não se adequar aos parâmetros socioculturais. Em meio à carga de opressão que carregava sobre os padrões exigidos, vivia desintegrada da justaposição indivíduo e sociedade.

O título era humilhados e ofendidos. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofender, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 1998, p. 41).

As situações distintas criadas sobre as representações corporais, evidencia a cultura produzida do que se espera de uma “mulher apropriada”. Macabéa era o avesso da mulher atraente, estava longe de se encaixar na feminilidade e exuberância. Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer a sua vocação (LISPECTOR, 1998).

Eventualmente nas relações pessoais e no trabalho ela era vista de forma mecanizada, sendo ridicularizada pela aparência do seu corpo “quase murcho”. Sofria um processo de invalidação em meio a construção de estereótipos sociais. Enquanto Glória “possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido, Macabéa não tinha força de raça, era um subproduto” (LISPECTOR, 1998).

Constituída pela representação de um corpo “doente”, “franzino” e “cansado”, mal poderia vendê-lo pois ninguém a quer, ela é virgem e inócua não faz falta ninguém (LISPECTOR, 1998). Indesejada a sorte parecia uma doida mansa, ninguém olhava para ela na rua, era apenas um café frio (LISPECTOR, 1998).

Nos planos da narrativa tanto Glória quanto Macabéa vivem um embate entre as diferenças sociais. Glória é uma mulher instruída dita “carioca da Gema” o que a torna pertencente ao ambicioso clã do sul do país, que nunca passou por dificuldades financeiras. Enquanto Macabéa nem pobreza enfeitada tinha, ganhava menos que um salário mínimo, na qual mal conseguia suprir as necessidades básicas.

4.3 Penúria Evidente Em Uma Cidade Forjada Contra Macabéa

Preenchida na categoria daqueles sem história, sem rosto social, perseguida pela incompreensão, Macabéa era um ser extremante alienada, cuja trajetória escolhida estava fadada ao fracasso desde do início de sua inserção ao Rio de Janeiro. Órfã de pais, jogada a sorte, crescera moldada em um constante processo de dúvida sobre sua própria capacidade de ir além dos limites impostos a criação que havia recebido.

Diferente de qualquer indivíduo socialmente engajado, ela não sentia necessidade de projetar um futuro. Estava atrelada ao conformismo de viver em tanta mesmice que não tinha consciência da posição que ocupava no estrato social. Jamais se colocou em questionamento por ser parca de imaginação. Além disso, vivia a mercê da improdutividade de seus pensamentos confusos que a conduzia a uma intrigante meditação sobre o nada.

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. Imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez sentir um gosto bem bom de viver-se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morte se tivesse gosto (LISPECTOR, 1998 p. 32).

Nas tardes de domingo, o que a deixava triste por um instante, até pensativa, era o vazio que insistentemente a perseguia, pois o dado silêncio a aprisionava em dolorosas meditações. Situações pelas quais impulsionava a refletir diante de sensações até então desconhecidas psicologicamente. O vazio surgia como resposta das inquietações tomadas por um breve (momento reflexivo) advindo de lampejos de consciência. "É assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta" (LISPECTOR, 1998).

A moça que se dava ao luxo apenas em tomar um gole de café frio antes de dormir permanecia em um estado de carência absoluta de si mesma. "Em meio ao ambiente inóspito ficava alucinada ao sentir tanta fome, que para amenizar os ruídos do estômago mastigava papel bem mastigadinho e engolia" (LISPECTOR, 1998). Em virtude dos poucos recursos financeiros, ela as vezes comia sanduiche de

mortadela, se sustentando apenas em uma simples refeição diária composta de cachorro-quente e Coca-Cola.

Mesmo que o saber não fizesse parte de algo importante na vida da nordestina, maquinalmente percebia que havia algo de errado na sua composição como sujeito, limitando a duvida quando fora impulsionada pela cartomante por uma promessa de ascensão social. O espelho que fazia parte de suscetíveis situações diárias do íntimo de Macabéa, não refletia a imagem da moça perdida em devaneios inconstante, evidenciado uma identidade inconsistente.

No decorrer de toda trajetória de exclusão da personagem Macabéa, a ideia de não pertencimento atua como divisor de águas enquanto sujeito, tendo em vista que passa despercebida nas inúmeras divisões sociais. Percebe-se que ela termina como ser não concretizado, transformando-se em momento de figuração rápida na hora de sua morte, “se torna pessoa brilhante típica estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes” (LISPECTOR, 1998).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho monográfico aqui descrito foi desenvolvido a partir da investigação sobre os males sociais representados através das situações precárias vivenciada pela protagonista Macabéa em seu processo de invisibilidade. Além de refletir a personificação da mulher no século XX, como ser inferiorizada, submissa a dominação do homem.

Percebe-se que o conflito social abordado na obra em questão “A hora da estrela” desencadeia questionamentos de natureza histórica e social, dando ênfase a situação de pobreza ao representar indivíduos economicamente fragilizados que não possuem voz ativa no estrato social.

Nesse sentido o romance propõe uma abordagem sobre a respectiva função da literatura brasileira na representação de uma sociedade. Sugerindo uma denúncia ao violento processo de desumanização as pessoas desprovida de cidadania nas grandes metrópoles.

Portanto, *A hora da Estrela* de Clarice Lispector é considerada um romance contemporâneo por ultrapassar os 40 anos de sua existência de forma significativa, denunciando a degradação da condição humana e o pertencimento dos espaços regionais pela dicotomia sertão/litoral.

REFERÊNCIAS

ABEL, C. A. S. Macabéa: A hora da estrela Professor aposentado de literatura brasileira pela UNB, doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3099/2220>. Acesso em: 26 de junho 2020.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Preconceito de origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 2. ed. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALENCAR, J. **Lucíola**. São Paulo :FTD, 1992.

AMADO, Jorge. Gabriela Cravo e Canela. 93º ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Globo, 1997.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 2ºed. São Paulo: Ciranda cultural, 2018.

BECKER, Lídia. O narrador, um poeta da voz - o impacto da palavra na obra de Ariano Suassuna: relações entre oralidade e escrita. 2009. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/view/741>. Acesso em: 26 de junho 2020.

BONNICI, T.; ZULIN, L.O. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. São Paulo: Maringá 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BLOOM, H. **O cânone literário: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: objetiva, 1995.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul 2004.

_____. Literatura e sociedade. 9ºed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul 2006.

_____. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1775-1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul 2007.

_____. Ficção e confissão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. Vários Escritos. 3º ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CARDOSO, S. M. Um piquenique nos jardins da miséria: figuração do pobres e os limites da representação social na literatura de João do Rio. *Analecta*. Guarapuava, Paraná. v. 11, n. 1, p. 11-23, 2010.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: EDUSP, 1999.

COUTINHO, Afrânio. Conceito de literatura brasileira. 2º ed Florianópolis: Vozes, 2008.

_____. Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CRISTOVAO, Fernando. In: **Cruzeiro do Sul a norte – estudos Luso-brasileiros**. Lisboa: Casa da Moeda, 1983.

DALCASTAGNEUNB, Regina. A auto representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe, tradução Heci Regina Candiani**, 1ºed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**, 7º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENGBERSEN, Godfried (1999). Definitions of distress: who are you calling poor? *Le Monde Diplomatique English Edition*, Paris, 6 set.. Disponível em: <http://mondediplo.com/1999/09/06poverty>. Acesso em: 26 de junho 2020.

FUKELMAN, Clarisse. A hora da estrela. 23º ed. Rio de Janeiro: Digital source, 1999.

FERREIRA, J. C. Sociedade, cultura e identidade em Vidas Secas, de Graciliano Ramos e os Magros, de Euclides Neto. 157, p. Universidade Federal de Goiás. 2014.

GARCIA, A. V. TORRI, D. CERNY, R. Z. Reflexões sobre a pobreza: concepções, enfrentamentos e contradições. 1ºed. Florianópolis: Gráfica e editora copiar, 2017.

GEVEHER, D. L. SOUZA, V. L. As mulheres e a igreja na Idade Média: misoginia, demonização e Caça às Bruxas. *Revista Acadêmica Licenciaturas* · Ivoti · v. 2 · n. 1 · p. 113-121 · janeiro/junho · 2014.

GILI, Silvana. Invisíveis na cidade: invisibilidade social nos livros ilustrados Contemporâneos. Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Caderno de Letras, nº 27, Jul-Dez - 2016 - ISSN 0102-9576.

GOMES, M. B. "A hora da estrela" -Análise da obra de Clarice Lispector | Guia do Estudante Disponível em: agosto de 2012 <https://guiadoestudante.abril.com.br>. Acesso em: 29 de junho de 2020.

GOTLIB, Nádya Batella. Clarice: uma vida que se conta. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GULLAR, Ferreira. Entrevista. Revista de História, 18 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ferreira-gullar>>. Acesso em: 25 de maio 2020.

GUSMÃO, E. M. Debate sobre a educação feminina no século XIX : Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 25, nº 50, p. 269-289, julho-dezembro de 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela**. 1ºed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Laços de família**. 1ºed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Medo da eternidade**. In: **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. As representações do Nordeste em "A triste partida de Luiz Gonzaga". Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Ages Paripiranga, Bahia, Brasil 2016.

MARCHESANO, S. C. Clarice e macabéa: apartes discursivos da construção/desconstrução da identidade feminina em "A hora da estrela", de Clarice Lispector. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 04, tomo 3 Anais do XIV CNLF - Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010.

MORICONI, Ítalo. **A Hora da Estrela ou A Hora do Lixo de Clarice Lispector**. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia**. Rio de Janeiro: Opbook; UERJ, 2003. p. 720.

PACHECO, A. P. O vaqueiro e o procurador dos Pobres: Vidas Secas. Rev. Inst. Estud. Bras. no.60 São Paulo Jan./Apr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i60p34-54>. Acesso em: 26 de junho 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**, Bauru. São Paulo: edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**, [tradução Ângela M.S Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Minha história das mulheres**. Tradução do francês de Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

REBELLO, Ivana Ferrante. Sobre restaurar fios: reflexões sobre a pobreza em A hora da estrela. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 41, p. 219-232, June 2013.

RIBEIRO, M. S. J. *Mulheres perversas: um estudo de personagens femininas nos contos de Clarice Lispector*. 150 pág. Universidade do Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações 2008.

ROSSO, MAURO. **Portal Carta Maior: Escrita Feminina**. 2004.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração, dois jovens escritores unidos ante o mistério da criação**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, J. R. Os pobres. In: *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar com os pobres*. **Global**. São Paulo, 2004.

SILVA, C. A. M, BORGES, Luciana. Entre silêncio da palavra e as falas do silêncio. *Linguagem- Estudos e pesquisas vols 4-5*, p., UFG/Campus Catalão 2004.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. A Metrópole e a Vida Mental. Trad. Sérgio A Metrópole e a Vida Mental. Marques dos Reis, In: em VELHO, Otávio Guilherme (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SMISCUKA, M. I. A escrita intimista em desassossego: as temáticas de constituição de um sujeito e suas variantes em três das edições desse texto pessoano. 145, p. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUSA, Jean Fialho. **A Mimese da Escrita Intimista nas Narrativas Autodiegéticas de Eça de Queirós**. 201 pág. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

SPALDING, M. Roberto Schwarz e o pobre na literatura brasileira. *Línguas e Letras*. v. 7, n. 13, p. 24-34, 2006.

TOLENTINO, Átila. *Macabéa: um mito na grande cidade*. 2014. Licenciado em Letras. Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, atua no Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN.

WALDMAN, B. **Clarice Lispector**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira S. A, 1928.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/50376/54486/>. Acesso em: 26 de junho 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. revista e ampliada. Maringá: Eduem, 2005.